

HILDA HILST NOS FLUXOS MIDIÁTICOS: PROPOSTA METODOLÓGICA DO FAZER-MEMÓRIA BIOGRÁFICO

Hilda Hilst in mediatic flows: methodological proposal for biographical making-memory research

Hilda Hilst en los flujos mediáticos: propuesta metodológica de hacer-memoria biográfico

Débora Regina Bacega¹
Mônica Rebecca Ferrari Nunes²

Resumo

Este artigo apresenta a proposta metodológica da pesquisa de doutoramento em desenvolvimento sobre os acervos biobibliográficos da escritora Hilda Hilst (1930-2004) nos fluxos midiáticos. Identifica-se uma série de iniciativas comunicacionais, editoriais e estéticas relacionadas aos materiais da poeta como imagens, objetos e a *Casa do Sol*. Espera-se demonstrar como a genealogia de Hilda Hilst aciona o fazer-memória biográfico da escritora em novas camadas de acervos na semiosfera midiática.

Palavras-chave: Fazer-memória. Acervos biobibliográficos. Fluxos Midiáticos. Metodologia. Hilda Hilst.

Abstract

This paper presents the methodological proposal for the ongoing doctorate research study concerning the bio-bibliographical collections of the writer Hilda Hilst (1930-2004) in media flows. A series of communicational, editorial and aesthetic initiatives is identified concerning the materials used by her, such as images, objects and the *Casa do Sol*. The aim is to demonstrate how the genealogy of Hilda Hilst triggers the biographical making-memory of this writer into new layers of collections on the mediatic semiosphere.

Keywords: Making-memory. Bio-bibliographical collections. Mediatic Flows. Methodology. Hilda Hilst.

Resumen

Este artículo presenta la propuesta metodológica relacionada con la investigación doctoral en desarrollo desde 2020 sobre los acervos biobibliográficos de la escritora Hilda Hilst (1930-2004) en los flujos mediáticos. Se identifican prácticas comunicacionales, editoriales y estéticas sobre la poetisa en imágenes, objetos y *Casa do Sol*. Por fin, se propone demostrar cómo la genealogía de Hilda Hilst posibilita el hacer-memoria biográfico de la escritora en la semiosfera mediática.

Palabras-clave: Hacer-memoria. Acervos biobibliográficos. Flujos mediáticos. Metodología. Hilda Hilst.

¹ Doutoranda e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista CAPES-PROSUP Integral. Membro do Grupo de Pesquisa MNEMON (ESPM/CNPq). deborabacega@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5770-5015>

² Bolsista de Produtividade 2 CNPq. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Comunicação e Práticas de Consumo, PPGCOM-ESPM, São Paulo, SP, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa MNEMON, Memória, Comunicação e Consumo (ESPM/CNPq). monicarfnunes@espm.br | <https://orcid.org/0000-0002-5562-9389>

1. Considerações iniciais

Este artigo depreende-se da pesquisa de doutorado em desenvolvimento que tematiza os acervos biobibliográficos de escritoras e/ou artistas, compreendidos como fenômenos das culturas da memória e da comunicação, tendo como objeto empírico os materiais da poeta paulista Hilda Hilst (1930-2004), e, por isso, configura-se como resultado parcial.

Nesse processo, a ideia de um fluxo midiático vai se concebendo a partir das observações dos acervos biobibliográficos de Hilda Hilst e de outras escritoras, que estavam em evidência na ambiência digital em 2020, ano do início da pesquisa. Com homenagens póstumas, observam-se as comemorações do centenário da escritora Clarice Lispector e dos 90 anos da poeta Hilda Hilst, assim como as ambiências digitais dedicadas às poetisas Tula Pilar, Ana Cristina César, Victoria Ocampo, Alejandra Pizarnik.

Hilda Hilst ganhou também o canal Curadoria Hilst no YouTube com programação semanal, exhibições de sua residência arquitetada e denominada por ela como Casa do Sol, de suas revelações fraternas, leituras poéticas e dramatúrgicas de suas obras, que também estão sendo relançadas editorialmente. Ao se ver um documento ou testemunho sobre a ficcionista, pode-se perceber que estes estavam, de certa forma, tramados uns a outros e, não separados e catalogados, literalmente, em uma caixa de arquivo. Ou seja, esses materiais estavam em fluxo midiático. Por outro lado, não se tratava apenas de uma exposição em um único suporte, mas em vários deles: sites, blogs, declarações no YouTube, páginas no Facebook, reprodução fotográficas no Instagram, relatos em livros, notícias de jornais e revistas, capas de CD, cartazes de peças teatrais. Mais de uma vez, foi necessário buscar o complemento desses registros em livros, teses, reportagens ou entrevistas sobre a poeta. Por outro lado,

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

era possível acessar registros de duas décadas atrás, como os depoimentos da ficcionista, em 1990, para a TV Cultura³, e nove anos depois, para os *Cadernos de Literatura Brasileira* (1999). No entanto, não se tratava de uma pesquisa realizada exclusivamente em uma rede social, mas da observação, muitas vezes, de uma enxurrada de hiperlinks e hashtags. Nesse sentido, visualizam-se esses acervos, ou seja, documentos, objetos, testemunhos, imagens, fotografias em múltiplas mídias, e não apenas em espaços como museus, bibliotecas etc., isto é, em fluxos.

Após a morte da ficcionista, em 2004, identifica-se uma série de iniciativas comunicacionais, editoriais e estéticas relacionadas aos seus acervos, materializados em fotografias, testemunhos, objetos, obras, além de seu espaço de criação literária. Desses acervos, observam-se as suas relações de amizade ou parcerias artísticas. Assim, intenta-se problematizar a seguinte questão: *como a genealogia de Hilda Hilst articula o fazer-memória da escritora em novas camadas de acervos biobibliográficos nos fluxos midiáticos?* Para responder a esta problematização, buscou-se a criação de métodos apropriados para lidar com os fluxos midiáticos que trazem esses acervos. Pretende-se, neste artigo, apresentar a proposta metodológica, cujo objetivo é construir e analisar a genealogia de Hilda Hilst nos fluxos midiáticos digitais de modo a conceber o fazer-memória biobibliográfico da poeta.

Adota-se o referencial teórico que inclui a teoria da semiótica da cultura da Escola de Tártu-Moscou na visão de Lúri Lotman e Boris Uspênski, além de autores basilares das temáticas da memória e da mídia. Emprega-se a pesquisa qualitativa com base em pesquisas bibliográficas e documentais, além de pontuais observações empíricas. Espera-se demonstrar como essa genealogia aciona o fazer-memória da poeta.

³ Ver mais em <https://www.youtube.com/watch?v=3wJwJHmH2l4> Acesso em: 26 mar. 2022.

2. Os acervos hilstianos nos fluxos midiáticos

Hilda de Almeida Prado Hilst, mais conhecida como Hilda Hilst, nasceu em 21 de abril de 1930, às 23h45, na cidade de Jaú, no Estado de São Paulo. Filha de Bedecilda Vaz Cardoso e Apolônio de Almeida Prado Hilst, pais não casados e, futuramente, separados, a escritora vivenciou sua infância ao lado da mãe e do meio irmão Ruy na cidade de Santos. Com sete anos de idade, Hilst muda-se para a cidade de São Paulo, onde dá início à sua trajetória escolar no Colégio Interno Santa Marcelina, concluindo a formação clássica no Instituto Mackenzie. Aconselhada pela mãe, Hilda gradua-se em Direito na Faculdade do Largo São Francisco da Universidade de São Paulo (USP). Respirar o ambiente literário e cultural, principalmente, do centro da cidade paulistana, em meados da década de 1950, vai, paulatinamente, influenciando os rumos hilstianos: a poeta abandona a carreira, talvez, promissora como advogada para seguir o caminho autoral na literatura.

Com a morte da escritora, sua morada, a Casa do Sol, e os direitos autorais de suas obras são herdados pelo amigo José Luis Mora Fuentes, que cria o Instituto Hilda Hilst (IHH) com o intuito também de preservar o espaço como patrimônio turístico da cidade campineira, principalmente, no que dizia respeito à execução das dívidas de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) da propriedade com cerca de dez mil metros quadrados (FUENTES, 2018). Com a negociação das dívidas pregressas e o pedido de tombamento da Casa do Sol junto à Câmara Municipal da cidade de Campinas, em 2012, a propriedade passa a ser isenta da cobrança de tributos (FUENTES, 2018).

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Com essas questões tributárias sanadas, o IHH passa a ser responsável por supervisionar o acervo biobibliográfico⁴ da poeta, além de promover uma série de atividades culturais, como performances estéticas e artísticas, abrigar pesquisadores residentes e manter o site www.hildahilst.com.br atualizado com estudos recentes sobre a cronista. Nesse sentido, identifica-se que uma das primeiras iniciativas se dá com o processo de organização e catalogação⁵ do acervo que permaneceu na Casa do Sol, como revela a Figura 1, que traz a reprodução imagética da reportagem publicada no jornal Folha de S. Paulo intitulada “Garimpando Hilda” (MONTESANTI, 2015, p. C1). Vale lembrar que parte dos documentos hilstianos, como diários e manuscritos, foram vendidos para a Unicamp pela própria autora, na década de 1990. Na universidade, os documentos estão sob a custódia do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae-Unicamp).

⁴ Observa-se que parte do acervo de Hilda Hilst está disponível para consulta no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio da Universidade Estadual de Campinas (Cedae-Unicamp) Campinas/São Paulo.

⁵ N.A. Esse processo se realiza em parceria com o Instituto Itaú Cultural.



Figura 1 -Tela capturada do Instagram que traz a capa da reportagem sobre o processo de organização e catalogação do acervos hilstianos na Casa do Sol.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/7kuwVVGsaA/> Acesso em 25 abr. 2022

Desse processo de catalogação e organização dos acervos, surge a *Sala de Memória*⁶ que ocupa o quarto, onde a poeta dormia na Casa do Sol, e exibe fotografias, manuscritos, desenhos, documentos, imagens, objetos, quadros, além da biblioteca hilstiana e suas obras, como é possível observar na Figura 2.

⁶ Ver mais informações em <http://www.hildahilst.com.br/blog/retrospectiva-2015-sala-de-memoria-casa-do-sol> Acesso em: 28 abr. 2022



Figura 2 - Tela capturada da *Sala de Memória* na Casa do Sol

Fonte: <https://www.facebook.com/InstitutoHildaHilst/photos/a.282992841793452/903241613101902> Acesso em: 12 abr. 2022

A *Sala de Memória*, por sua vez, foi tema da *Ocupação Hilda Hilst* no Itaú Cultural em 2015. Na ocasião, os acervos biobibliográficos de Hilst ganharam a cena da Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, com a reprodução de ambientes da Casa do Sol.

Já em 2020, as iniciativas presenciais de espaços culturais, museus, institutos e bibliotecas, assim como da Casa do Sol foram suspensas frente à necessidade de adoção de medidas sanitárias, impostas pela pandemia de Covid-19. Ainda que não seja objeto central do artigo, nota-se que o momento pandêmico impulsionou a propagação de atividades on-line nas plataformas digitais, que passam a realizar a transmissão ao vivo de eventos, shows, entrevistas e congressos. Nesse contexto, o IHH cria o canal on-line Curadoria Hilst⁷ na plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, como se pode ver na Figura 3.

⁷ Disponível em www.youtube.com/c/CuradoriaHilst



Figura 3 - Tela capturada da home do canal Curadoria Hilst

Fonte: https://www.youtube.com/channel/UC-Z19UtIB2O4P_nQ74h-8iA Acesso em: 20 mar. 2022

Resultado da parceria da entidade com o site de notícias A Cidade ON⁸, o canal Curadoria Hilst contempla em sua programação: a série *Pílula Poética: poesia em movimento*, os *Diários da Casa do Sol* e os encontros *3xHilda*, além de entrevistas e discussões sobre a obra da escritora. De certa maneira, pode-se afirmar que essas ações promovem a difusão dos acervos biobibliográficos hilstianos para além da ambiência física da Casa do Sol.

3. Tarrafa, histologia e a poética de Hilda Hilst: práticas metodológicas

Como dito nas considerações iniciais, para a observação dos acervos biobibliográficos hilstianos nos fluxos midiáticos como fenômeno sociocultural e da memória, adota-se, como referencial teórico, a semiótica da cultura, fundamentada pelos estudiosos da Escola de Tártu-Moscou, e, em especial, pelas pesquisas dos semioticistas Lúri Lotman e Boris Uspênski (1981) e de uma de suas comentadoras, Mônica

⁸ Mais informações em <https://www.acidadeon.com/>

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Nunes (2001, 2019), além de autores basilares ao que tange à memória e seus desdobramentos na cultura.

Os semioticistas Lotman e Uspênski (1981) explicam que a cultura é quem promove a luta contra o esquecimento quando, ao organizar o mundo ao redor do homem em uma semiosfera, hierarquizando códigos e signos, de forma invariavelmente variável, transforma o esquecimento em mecanismo de memória. Os autores afirmam que “cultura é memória (ou se preferem, gravação na memória de quanto tem sido vivido pela coletividade)” (LOTMAN; USPÊNSKI, 1981, p. 41). Pode-se compreender a memória também no entrelaçamento de dois ou mais textos culturais na geração de novos textos ressignificados, isto é, a memória como propriedade dos textos e da semiosfera que os organiza (LOTMAN, 1999). Dessa forma, a memória da cultura não é apenas uma, mas se torna internamente bastante variada, quando sua unidade existe somente em certo nível correspondente à organização interna das coletividades, constituindo o mundo de uma determinada cultura, como se nota nas palavras do semioticista: “assim a memória comum de uma determinada cultura está assegurada, em primeiro lugar, pela presença constante de alguns textos e, em segundo lugar, pela unidade dos códigos, por sua invariância, ou pelo caráter ininterrupto e regular de sua transformação” (LOTMAN, 1996, p. 109).

Nesse sentido, a teoria da semiótica da cultura da Escola de Tártu-Moscou é basilar para o estudo dos acervos biobiográficos hilstianos nos fluxos midiáticos. Aciona-se a analogia do espaço semiótico de semiosfera de Lotman (1996) ao conceito de biosfera de V. Vernadski. Para o semioticista, assim como o homem não pode viver apartado do mundo das línguas, signos, símbolos, mas somente num *continuum* semiótico, nenhum organismo pode sobreviver isolado num ambiente da crosta terrestre, mas somente em inter-relação com outros organismos e em equilíbrio com o ambiente.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Ao relacionar a memória nas mídias aos memes de afeto, Mônica Nunes (2001, p. 22) cita o neurobiólogo Steven Rose (1994) e afirma que é possível pensar a memória na mídia por meio das aproximações das dimensões biológicas e sociais, sem reduzir uma à outra, mas buscando compreender as traduções entre estas duas linguagens. Em consonância com os seus estudos sobre memória nas mídias, a pesquisadora explica que a memória, enquanto texto cultural, pode se tornar evolutiva: “seus artefatos evoluem na semiosfera, paisagem biossimbólica, submetidos a uma cadeia comunicativa - mutação, variação, seleção, replicação e transmissão” (NUNES, 2001, p. 23). Esses textos culturais, por sua vez, carregam em si a capacidade memética, ou seja, são operadores de memórias (NUNES, 2001). Assim, para a pesquisadora, os nexos entre mídia e memória comportam-se como traço evolutivo expandido na semiosfera, reino dos signos, por intermédio de um intrincado arranjo de memes. Na visão de Nunes (2001), as representações da memória, ao longo dos variados sistemas simbólicos, historiados pela pesquisadora inglesa Frances Yates (1975), nos leva a compreender as transformações e a permanência de certas leis que se mantêm mesmo com o surgimento da palavra impressa e com o jornal, ainda que essas práticas inaugurem novas maneiras de configurar a memória na mídia. Ao observar a construção memética da mídia, Nunes evidencia os aspectos de rememoração no tecido midiático por meio de contribuições que vão da biologia aos sistemas de informação.

Pensando com Lotman e Nunes, pode-se reconhecer as novas camadas de acervos biobibliográficos hilstianos como textos culturais. Dito de outro modo: quando documentos, fotografias ou testemunhos se reapresentam nas mídias, eles passam a compor novas camadas de acervos hilstianos. Dessa forma, é ao passar pelos fluxos midiáticos que esses documentos, na condição de textos culturais, podem sofrer novas transformações de não-cultura em cultura, devido ao seu caráter informacional, a que se refere Lotman. A filtragem entre as fronteiras semióticas da memória, do acervo e da mídia pode

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

potencializar o surgimento de novas camadas de acervos biobibliográficos, graças, justamente, aos cruzamentos ininterruptos de desses textos culturais na semiosfera.

Por outro lado, só é possível compreender esses novos textos culturais como novas camadas de acervos hilstianos, por exemplo, se, de fato, houver o reconhecimento de rastros mnésicos durante o processo de rememoração. Em outras palavras, como explica o historiador francês Paul Ricoeur (2007), os rastros mnésicos fundamentam a fenomenologia da memória-feliz, que se dá justamente no reconhecimento de um acontecimento, graças ao esforço laborioso da rememoração. Nessa toada, acionam-se as reflexões de Ricoeur (2007, p. 134) sobre a fenomenologia mnemônica, ou seja, a passagem do olhar interior ao olhar exterior, da memória individual à coletiva para concluir que a memória resulta da tríplice relação de atribuição da lembrança: o eu, os coletivos e os próximos. Um dos pilares dessa fenomenologia é a memória-feliz, que se traduz no reconhecimento da rememoração de um acontecimento. Como explica Ricoeur (2007), o fazer-memória se configura justamente no reconhecimento bem-sucedido de um acontecimento ou de alguém por meio de sua lembrança em forma de imagem, em suas palavras: “sob os dedos que folheiam um álbum de fotos, ou quando do encontro inesperado de uma pessoa conhecida, ou quando da evocação silenciosa de um ser ausente ou desaparecido para sempre, escapa o grito: ‘É ela! É ele!’” (RICOEUR, 2007, p. 502). Desse esforço na rememoração, argumenta Ricoeur (2007, p. 48), surgem os “rastros mnésicos”. A rememoração, por sua vez, se dá pela narrativa. Esse esforço se faz necessário, uma vez que, para o historiador, não existe uma memória por si mesma, mas uma vontade de memória contra o esquecimento. Assim, todo fazer-memória se configura no reconhecimento bem-sucedido de um acontecimento ou de alguém por meio de sua lembrança em forma de imagem.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

Desse modo, pode-se reconhecer as novas camadas de acervos biobibliográficos hilstianos como textos culturais que surgem a partir das fronteiras entre acervos biobibliográficos, memória e fluxos midiáticos. Ou seja, qualquer documento, que está em fluxo midiático, precisa ser reconhecido no fazer-memória a que se refere Ricoeur. Caso contrário, não será necessariamente uma nova camada de acervo biobibliográfico. Por exemplo, uma publicação que traga um poema e a hashtag #hildahilst nos fluxos midiáticos: se estes versos não são da escritora jauense e nem têm relação com a obra hilstiana, então, neste caso, esse documento não é acervo biobibliográfico hilstiano, ainda que possa ser considerado um novo texto da cultura. Assim, compreende-se como acervo os textos culturais nos quais seja possível reconhecer a vida e obra de Hilda Hilst na publicação, ou seja, a memória-feliz, parte fenomenológica do fazer-memória, como citado anteriormente. Por outro lado, as práticas estéticas, tais como ilustrações que derivam de uma fotografia da poeta, podem ser novas camadas de acervos, justamente, pela possibilidade da lembrança imagética como sugere Ricoeur. Vale esclarecer que entendemos fronteira, no sentido lotminiano, isto é, não como limite, mas como filtro tradutor entre semiosferas diversas. Nas palavras do semiótico de Tártu-Moscou: “a fronteira é um mecanismo bilíngue que traduz as mensagens externas na linguagem interna da semiosfera e o inverso” (LOTMAN, 1996, p. 26).

Assim, as buscas nos fluxos midiáticos se dão com as hashtags mais evidentes, como #hildahilst; #hildahist. #leiahilda, #hilda90, #vivahilda, #hildah, #obscenalucidez, #senhoraD, entre outras. Ao olhar a imagem sequencial dessa série de hashtags juntas, é possível visualizar uma tarrafa artesanal, uma espécie de rede, bastante utilizada em pescarias. Há dois tipos de tarrafas: a artesanal e a industrial. Enquanto, na industrial, costuram-se triângulos; na artesanal, tecem-se quadrados. Quando se joga a tarrafa, pode-se atingir determinado diâmetro na superfície da água e certa profundidade. Assim, define-se o *Método A*

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

- *Tarrafa artesanal*, cujas etapas são: mapear as hashtags hilstianas; construir a tarrafa artesanal com as hashtags e jogar-tarrafa nos fluxos midiáticos.

Desta feita, ao se jogar-tarrafa nos fluxos midiáticos, avistam-se acervos, mas também detritos, assim como quem pesca com esse método. Dito de outro modo, os fluxos midiáticos tornam-se um arquipélago que compreende um conjunto de ilhas formado por um robusto volume de documentos, sites, redes sociais, blogs, URLs, telas, hashtags, reproduções imagéticas de fotografias ou reportagens na imprensa, publicações, vídeos, ilustrações. Portanto, tendo em vista o desafio de separar na tarrafa o que é acervo, faz-se necessário delimitar e analisar os acervos das relações fraternas ou artísticas da escritora em relação ao que é detrito, ou seja, não é acervo hilstiano em diálogo com a produção literária da escritora ou com a Casa do Sol nos fluxos midiáticos.

Para essa empreitada, escolhe-se a primeira prosa poética da ficcionista intitulada *Fluxo-floema* (HILST, 1970). Lançado pela editora Perspectiva em 1970, o volume apresenta cinco textos ficcionais: “Fluxo”, “Osmo”, “Unicórnio”, “Lázaro” e “Floema”. Na delimitação das relações fraternas hilstianas, nota-se que o texto “Floema” traz o sinônimo de seu título, que é seiva, como neste trecho: “então come de mim, me comendo me sabes. Não medita. Suga. Vai até a seiva, até a sutileza. Pesas como palha, não te escuto. Abre um caminho, abre outro, tenta, eu disse seiva sim, eu disse suga, eu disse come de mim. Ainda me escutas? Disseste PALAVRA?” (HILST, 2018, p. 148, grifo da autora).

Nesse momento, identifica-se a origem do significado de floema na botânica, tendo em vista os conceitos de histologia vegetal. Por sua vez, a célula vegetal tem características distintas da célula animal. A célula vegetal é formada por: parede celular, vacúolos, plastídios e substâncias ergásticas e a comunicação entre duas células se dá através da presença de plasmodesmos. Há, então, os tecidos vasculares ou tecidos condutores de seiva nas pteridófitas, (plantas vasculares sem semente),

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

gimnospermas (plantas vasculares com sementes expostas) e angiospermas (plantas vasculares com sementes encerradas em frutos). Essas plantas vasculares possuem dois tecidos especializados na condução de substâncias: o xilema e o floema. O xilema é constituído por tubos, ou vasos, que transportam a seiva bruta (água e sais) das raízes até as folhas (AMABIS; MARTHO, 2002).

Já o floema é constituído por tubos, ou vasos, que transportam a seiva elaborada, produzida por meio da fotossíntese, para todas as partes do vegetal, fazendo a condução descendente, ou seja, a seiva orgânica circula das folhas até o caule e as raízes. O floema é um tecido mais periférico em relação ao xilema, pois se encontra próximo à casca da planta. As principais células do floema são os elementos do tubo crivado e a célula-companheira. Os elementos de tubos crivados dispõem-se em sequência, formando vasos floemáticos (ou vasos liberianos), cordões contínuos que se estendem desde as folhas até as raízes. Ao lado de cada tubo crivado, e intimamente associado a ele, existe uma célula fina e longa, a célula-companheira. As células-companheiras fornecem aos tubos crivados as substâncias necessárias ao funcionamento do seu citoplasma anucleado, por onde circula a seiva elaborada (AMABIS; MARTHO, 2002).

Embora o objetivo não seja esgotar a temática dos tecidos vasculares das plantas, destaca-se a estrutura do floema nesta metodologia. Dito de outro modo: a seiva elaborada percorre pelo caule, folhas, raízes graças à conexão existente entre o tubo crivado, formado por células sem núcleo, e a célula-companheira. Consequentemente, sem a célula-companheira, não há circulação da seiva elaborada. Vale ressaltar que qualquer corte, que comprometa um dos anéis floemáticos, pode levar a planta inteira à morte, pois cessaria o fluxo da seiva elaborada proveniente da fotossíntese das extremidades para a raiz. O conceito da histologia, associado ao texto hilstiano “Floema”, levam ao cruzamento entre a poética hilstiana e a histologia vegetal, enquanto textos culturais, pensando com Lotman e Nunes.

Dessa feita, uma forma de separar, na tarrafa, o que são acervos biobibliográficos hilstianos, também compreendidos como textos culturais, dos possíveis detritos, é reconhecer ou encontrar aqueles que se igualam às células-companheiras. Em outras palavras, são os textos culturais (documentos, testemunhos, fotografias) que, ao se conectarem ao tubo crivado do floema hilstiano, garantem a distribuição da seiva elaborada por toda a árvore genealógica de Hilda Hilst. Esse segundo método nomeia-se *Método B - Micrografia dos tecidos / textos culturais*, em analogia ao uso do microscópio proposto por Robert Hooke (MARTINS, 2011) diante do corte de fragmento de tecido vegetal, uma vez que se busca reconhecer as células-companheiras hilstianas.

Porém, antes de encontrar as células-companheiras hilstianas, era necessário reconhecer as suas características. A essa altura, ao se ler as três narrativas intermediárias “Osmo”, “Unicórnio” e “Lázaro” do livro *Fluxo-floema* (HILST, 2018), nota-se que, talvez, a própria escritora tenha imaginado um itinerário literário: saindo de “Fluxo” até chegar ao texto “Floema”, é possível percorrer os textos antecedentes, como se houvesse uma espécie de filtragem entre as membranas, a exemplo do que sugere Lotman quando se refere ao intercâmbio entre as fronteiras das semiosferas. Nessa filtragem, parte dos textos passam; enquanto outras partes não. Sob essa perspectiva, cada uma das narrativas torna-se uma fronteira de filtragem semiótica em busca das células-companheiras, ou seja, daqueles que conviveram com Hilda Hilst, ou têm seus nomes grafados nas dedicatórias de suas obras literárias, ou ressuscitam a escritora e a Casa do Sol em práticas artísticas ou estéticas, a partir da vivência ou residência neste espaço. Porém, para construir e analisar a genealogia hilstiana, observa-se que há a necessidade de estabelecer mais essa etapa: agrupar as células-companheiras para construir uma árvore genealógica, tema do próximo tópico.

4. Genealogia: um exercício de análise

A partir da proposta metodológica demonstrada, pretende-se exercitar o resultado de sua aplicação quando se joga a tarrafa nos fluxos midiáticos em busca de células-companheiras para a construção da genealogia hilstiana. Os métodos Tarrafa artesanal e Micrografia dos tecidos / textos culturais constituem este percurso pautado, inicialmente, pelas hashtags #hildahilst, #hildahist e #hilda90. Do volume de acervos biobliográficos hilstianos, atravessam registros imagéticos que revelam a presença da também escritora Lygia Fagundes Telles, a exemplo da Figura 4, na qual podemos ver, além da romancista e contista, os literatos: Carlos Drummond de Andrade e Hilda Hilst.



Figura 4 - Tela capturada do Instagram, da esquerda para direita: o encontro entre Lygia Fagundes Telles, Carlos Drummond de Andrade e Hilda Hilst em 1955.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CcK2x03OnUw/> Acesso em: 20 abr. 2022

No entanto, esse volume de imagens que vai tomando a tela do computador não pode ser tateado, o que torna impossível a vasculha de inscrições no verso do papel fotográfico. Como mencionado nas

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

considerações iniciais deste artigo, muitas vezes, torna-se necessário buscar o complemento dessas fotografias, textos ou vídeos em livros, teses, reportagens ou entrevistas sobre a poeta.

De todo modo, pelo registro fotográfico, pode-se inferir que Lygia, Drummond e Hilda se conheceram e conviveram durante a década de 1950, como também indicam as dedicatórias da poeta jauense em sua obra. Ao poeta Carlos Drummond de Andrade, Hilda dedica os versos “XV” de seu segundo livro *Balada de Alzira* (HILST, 1951). Já, para Lygia, a escritora faz uma série de dedicatórias, entre elas, na epígrafe de *Balada do Festival* (HILST, 1955). Em seu texto memorialístico “Da Amizade”, Lygia F. Telles (2010) traz relatos da convivência com a amiga: “estávamos então debaixo do sol na Praia de Copacabana. Ela [Hilda Hilst] usava um maiô claro de tecido acetinado inteiriço, os maiôs eram inteiriços, ano de 1952? Lembro que tinha no pescoço um colar de conchinhas. Falou-me dos novos planos, tantos.” (TELLES, 2010, p. 36). Naquela tarde, em seu apartamento, Lygia e seu marido Goffredo teriam agendado um encontro com os também amigos e escritores Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos, Breno Accioly, José Condé e “lá estava Hilda toda de preto, falando em Santa Teresa d'Ávila (...)” (TELLES, 2010, p. 36). Já o crítico literário Augusto Massi afirma que a romancista Lygia Fagundes Telles se dedicou com extrema cumplicidade sobre os três primeiros livros de Hilda. E, desde o início, nunca hesitou em reconhecer o talento da amiga, como se observa nessa declaração de Lygia “a estreia dessa jovem universitária paulista reveste-se de marcada importância no cenário da nova poesia brasileira. Repito o nome: Hilda Hilst. Será o de uma grande poetisa” (MASSI, 2018, p. 57).

Por meio dos métodos A e B, complementados com pesquisas bibliográficas e documentais, é possível tanto afirmar que Drummond e Lygia são células-companheiras do floema da árvore genealógica de Hilda, assim como identificar novas hashtags para ampliação da construção da tarrafa, entre elas, #drummond, #lygiafagundes, #hildaelygia. Quando se amplia a tarrafa e a joga nos fluxos midiáticos, novas

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

camadas de acervos podem surgir, a exemplo da Figura 5, na qual é possível ler na legenda os nomes de Lygia F. Telles, do secretário de Cultura Max Feffer, de Hilda Hilst e da poeta paraense Olga Savary.



Figura 5 - Tela capturada do Instagram do IHH, da esquerda para direita: Lygia Fagundes Telles, Max Feffer, Hilda Hilst e a poeta paraense Olga Savary.

Fonte: <https://www.instagram.com/p/CAQpS7cn3ca/> Acesso em: 22 mar. 2022

No texto explicativo dessa publicação na rede social Instagram, encontram-se as hashtags #hildahilst, #lygiafagundestelles, #olgasavary e #maxfeffer. Essas hashtags permitem a costura de quadrados adicionais em nossa tarrafa artesanal. Quando se joga essa tarrafa novamente nos fluxos midiáticos, é possível visualizar novos acervos biobibliográficos da escritora, a exemplo do episódio intitulado “Quarentena na Casa do Sol, ep. 9 - Memórias da poeta Olga Savary na Casa do Sol de Hilda Hilst”, exibido pelo canal Curadoria Hilst na plataforma YouTube, como ilustra a Figura 6; ou a reportagem “Olga Savary une poesia e erotismo em versos que ecoam Hilda Hilst” (DESTRI, 2021, online).



Figura 6 - Tela capturada do Instagram do IHH sobre o episódio que traz as memórias da poeta paraense Olga Savary na Casa do Sol de Hilda Hilst

Fonte: https://www.instagram.com/p/CAN58m_nuWZ/ Acesso em 20 abr. 2021.

Nesse sentido, pode-se ampliar a tessitura da tarrafa com as hashtags #olgasavary e #maxfeffer. Assim, é possível inferir que a poeta Olga Savary representa uma das células-companheiras do floema hilstiano.

5. Considerações finais

Este artigo tematiza a proposta metodológica da pesquisa em desenvolvimento sobre os acervos biobibliográficos, compreendidos como fenômenos das culturas da memória e da comunicação. A proposta metodológica visa à construção da genealogia de Hilda Hilst como resposta ao fazer-memória biográfico nos fluxos midiáticos da escritora, a partir do que está perdido, esquecido, descartado, como o registro de algumas de suas inter-relações fraternas e artísticas. Para tanto,

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

delineiam-se dois métodos: a Tarrafa artesanal e a Micrografia dos tecidos culturais para o breve exercício de análise da genealogia de Hilda Hilst, representada pelas células-companheiras.

Por outro lado, os resultados parciais dessa prática metodológica podem indicar um flanco a ser explorado em outras frentes quando se pensa a temática dos acervos biobibliográficos. Uma delas, talvez, seja a possibilidade da aplicação de ambos os métodos – Tarrafa artesanal e Micrografia dos tecidos culturais - também em relação ao fazer-memória de outras escritora(e)s e/ou artistas em fluxo midiático. Expliquemos: a presença dos acervos hilstianos em fluxo midiático pode apontar, talvez, para uma ponte epistemológica entre as áreas de conhecimento do acervo, da memória e da mídia, cujo caminho tem sido trilhado, inicialmente, por meio das relações fraternas da escritora Hilda Hilst. Porém, essa prática metodológica, *a priori*, não parece ser somente possível para compreender o fazer-memória hilstiano, mas, talvez, possa ser pensada para outros fluxos e artistas.

Referências

- Amabis, J M. & Martho, G. R. (2002). *Fundamentos da Biologia Moderna*. São Paulo: Moderna.
- Cadernos de Literatura Brasileira (CLB), *Instituto Moreira Sales*. (1999). Disponível em: https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_hilda-geral Acesso em: 18 mar. 2022.
- Curadoria Hilst. Disponível em www.youtube.com/c/CuradoriaHilst Acesso em: 14 abr. 2022.
- Curadoria Hilst. “Diários da Casa do Sol: Quarentena na Casa do Sol, ep. 9 - Memórias da poeta Olga Savary na Casa do Sol de Hilda Hilst”. *YouTube*, 25 maio 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QRqh02CAFls> Acesso em: 20 abr. 2022.
- Destri, L. (25. out. 2021). Olga Savary une poesia e erotismo em versos que ecoam Hilda Hilst. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/olga-savary-une-poesia-e-erotismo-em-versos-que-ecoam-hilda-hilst.shtml> Acesso em: 10 maio 2022

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

- Folgueira, L.; & Destri, L. (2018). *Eu e não a outra: a vida intensa de Hilda Hilst*. SP: Tordesilhas.
- Fuentes, D. (abr./2018). A gestão de um legado. *Cult*. SP: Editora Bregantini, nº 233, p. 38-41.
- Hilst, H. (1951). *Balada de Alzira*. São Paulo: Edições Alarico.
- Hilst, H. (1955). *Balada do Festival*. Rio de Janeiro: Jornal de Letras.
- Hilst, H. (1970). *Fluxo-floema*. São Paulo: Perspectiva.
- Hilst, H. (2018). *Da prosa*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, vol. I e II.
- Instituto Hilda Hilst [Site/Blog]. Disponível em: <http://www.hildahilst.com.br/> Acesso em: 08 abr. 2022.
- Itaú Cultural [Site] *Ocupação Hilda Hilst*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/hilda-hilst/> Acesso em: 10 nov. 2021.
- Lotman, I. (1996). *La semiosfera I*. Madri: Ediciones Cátedra, V I.
- Lotman, I. (1999). *Cultura y Explosión: Lo previsible Y lo imprevisible em los procesos de cambio social*. España: Gedisa Editorial.
- Lotman, I., & Uspênski, B. (1981). Sobre o mecanismo semiótico da cultura. In: S.T. de Menezes (Org.) *Ensaio de Semiótica Soviética*. Lisboa: Livros Horizontes.
- Martins, R. de A. (2011). Robert Hooke e a pesquisa microscópica dos seres vivos. *Filosofia e História da Biologia*, v. 6, n. 1, pp 105-142. Disponível em: <https://www.abfhib.org/FHB/FHB-06-1/FHB-6-1-07-Roberto-Martins.pdf> Acesso em: 10 ago. 2022.
- Massi, A. (org.). (2018). *Fernando Lemos Hilda Hilst*. São Paulo: Edições Sesc.
- Montesanti, B. (12 set. 2015). Garimpando Hilda. *Folha de S. Paulo.*, C1. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=20345&anchor=6001475&pd=da7c48842fbbd ef054e5e350c16d3518> Acesso em: 10 maio. 2022.
- Nunes, M. R. F. (2001). *A memória na Mídia: a evolução dos memes de afeto*. São Paulo: Annablume, FAPESP.
- Nunes, M.R. F. (2019). Memória do futuro, explosão, pancronia: a semiótica de Lotman e os estudos da memória e do tempo nas teatralidades juvenis. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, [S.

Dossiê: Comunicação e estudos biográficos

I.], v. 14, n. 4, p. Port. 192–210 / Eng. 184, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/38563> . Acesso em: 31 mar. 2022.

Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp.

Telles, L. F. (2010). *Durante aquele estranho chá: memória e ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.